

Autora bestseller do New York Times

JENNY
HAN

SEM TI
NÃO HÁ
VERÃO

TOP
SEL
LER

#BLISS

«Incrivelmente romântico.
Cruelmente real.»

SCHOOL LIBRARY JOURNAL

J + S para sempre



capítulo 1

2 de julho

ERA UM DIA QUENTE DE VERÃO EM COUSINS. Eu estava deitada ao pé da piscina com uma revista pousada em cima da cara. A minha mãe jogava solitário no alpendre da frente, a Susannah andava lá dentro às voltas na cozinha. Provavelmente, daí a nada iria aparecer cá fora com um copo de chá gelado e um livro que eu devia ler. Algo romântico.

O Conrad, o Jeremiah e o Steven tinham passado a manhã a surfar. Tinha havido um temporal na noite anterior. O Conrad e o Jeremiah foram os primeiros a regressar a casa. Ouvi-os antes de os ver. Subiram os degraus a gozar com o modo como o Steven tinha perdido os calções numa onda particularmente feroz. O Conrad aproximou-se de mim em passadas largas, levantou a revista transpirada do meu rosto e sorriu. Disse:

— Tens letras nas bochechas.

Semicerrei os olhos na direção dele.

— O que é que dizem?

Ele agachou-se ao meu lado e disse:

— Não percebo. Deixa-me ver. — E pôs-se a examinar a minha cara com a expressão séria típica do Conrad. Inclinou-se e beijou-me, com os lábios frios e salgados do mar.

Depois, o Jeremiah disse:

— Vocês precisam de arranjar um quarto.

Mas sei que ele estava a brincar. Piscou-me o olho ao aparecer vindo de trás, pegou no Conrad e atirou-o para a piscina.

O Jeremiah também saltou para a água, gritando:

— Anda daí, Belly!

Portanto, é claro que também saltei. A água estava boa. Melhor do que boa. Como sempre, Cousins era o único lugar onde eu queria estar.

— *Hello?* Alguém ouviu alguma coisa do que eu disse?

Abri os olhos. A Taylor estava a estalar os dedos mesmo à frente da minha cara.

— Desculpa — disse eu. — O que dizias?

Eu não estava em Cousins. Eu e o Conrad não estávamos juntos e a Susannah tinha morrido. Nunca mais nada voltaria a ser igual. Já tinham passado — *Quantos dias tinham passado? Quantos dias exatamente?* — dois meses desde que a Susannah morrera e eu ainda não conseguia acreditar. Não conseguia convencer-me a acreditar. Quando morre uma pessoa que amamos, não parece real. É como se acontecesse a outra pessoa. É a vida de outra pessoa. Nunca fui boa com o abstrato. O que significa quando uma pessoa partiu mesmo de vez?

Às vezes fechava os olhos e repetia para mim mesma: *Não é verdade, não é verdade, isto não é verdade.* Não era a minha vida. Só que era a minha vida; era a minha vida agora. Depois.

Eu estava no pátio das traseiras da Marcy Yoo. Os rapazes estavam na brincadeira na piscina e, nós, as raparigas, estávamos estendidas nas toalhas de praia, alinhadas, em fila. Eu era amiga da Marcy, mas as outras — a Katie, a Evelyn e aquelas raparigas — eram mais amigas da Taylor.

A temperatura já atingira os 30° C e pouco passava do meio-dia. Ia ser um dia dos quentes. Estava deitada de barriga para baixo e sentia o suor a acumular-se no fundo das costas. Começava a sentir-me com uma insolação. Ainda íamos no segundo dia de julho e eu já contava os dias até ao fim do verão.

— Eu *perguntei* o que ias vestir para a festa do Justin? — repetiu a Taylor. Encostara de tal maneira a toalha à minha que parecia que ocupávamos uma única toalha gigante.

— Não sei — respondi, virando a cabeça de maneira a ficarmos cara a cara.

Ela tinha gotículas de suor no nariz. A Taylor começa sempre por transpirar do nariz. E acrescentou:

— Vou usar aquele vestido de alças novo que comprei com a minha mãe no *outlet*.

Voltei a fechar os olhos. Estava de óculos escuros, pelo que ela não conseguia ver se eu tinha ou não os olhos abertos.

— Qual deles?

— Tu sabes, aquele às bolinhas que aperta à volta do pescoço. Eu mostrei-to, tipo, há dois dias. — A Taylor soltou um suspiro de impaciência.

— Oh, sim — respondi, apesar não me lembrar, e sei que a Taylor percebeu.

Tinha começado a dizer algo simpático sobre o vestido quando senti, de repente, algo gelado a colar-se na minha nuca. Soltei um guincho e ali estava o Cory Wheeler, agachado junto a mim, segurando uma lata de *Coca-Cola* a pingar, a rir-se a bandeiras despregadas.

Sentei-me e lancei-lhe um olhar fulminante, enxugando o pescoço. Estava tão farta daquele dia. Só queria ir para casa.

— Que *treta*, Cory!

Ele ainda se ria, o que me deixou mais enfurecida.

— Meu Deus, és tão infantil — disse-lhe.

— Mas tu parecias estar a ferver — protestou ele. — Estava a tentar refrescar-te.

Não lhe respondi, limitei-me a manter a mão na nuca. Senti o maxilar tenso e percebi que todas as outras raparigas estavam a olhar para mim. Então, o sorriso pareceu desvanecer-se do rosto do Cory, e ele disse:

— Desculpa. Queres esta cola?

Abanei a cabeça, e ele encolheu os ombros e regressou à piscina. Espreitei e vi a Katie e a Evelyn com expressões tipo *qual é o problema dela*, e senti-me envergonhada. Ser má para o Cory era

como ser má para um cachorrinho. Não fazia sentido. Demasiado tarde, tentei captar a atenção do Cory, mas ele não olhava para mim.

Falando baixinho, a Taylor disse:

— Foi só uma brincadeira, Belly.

Voltei a deitar-me na toalha, desta vez de barriga para cima. Inspirei fundo e expirei lentamente. A música do *iPod* da Marcy dava-me dores de cabeça. Tocava demasiado alto. E eu *estava* efetivamente com sede. Devia ter aceitado aquela *Coca-Cola* do Cory.

A Taylor debruçou-se sobre mim e puxou os meus óculos de sol para cima para poder ver os meus olhos. Olhou-me bem nos olhos.

— Estás chateada?

— Não, é só que está muito calor aqui. — Limpei o suor da testa com a parte de trás do braço.

— Não te chateies. O Cory, ao pé de ti, não consegue deixar de se comportar como um idiota. Ele gosta de ti.

— O Cory não gosta de mim — disse eu, desviando o olhar. Mas ele até gostava de mim, e eu sabia-o. Só desejava que não gostasse.

— Não interessa, ele só te vê a ti. Ainda acho que lhe devias dar uma hipótese. Dava para esquecer o tu-sabes-quem.

Desviei a cara e ela continuou:

— E que tal se eu te fizer uma trança francesa para a festa de logo à noite? Posso fazer a parte da frente e prendê-la de lado, como fiz da última vez.

— Está bem.

— O que vais levar vestido?

— Ainda não sei.

— Bem, vais ter de ir gira porque vai estar lá toda a gente — frisou a Taylor. — Eu apareço mais cedo e arranjamo-nos juntas.

Desde o 8.º ano que o Justin Ettelbrick dava umas festas de aniversário de arromba no dia 1 de julho. Por esta altura já eu estava em Cousins Beach, com a minha casa, a escola e os meus

amigos a um milhão de quilômetros de distância. Nem por uma vez me importei de perder a festa, nem quando a Taylor me falou da máquina de algodão doce que os pais dele tinham alugado num ano, ou do fogo de artifício que lançavam sobre o lago à meia-noite.

Era o primeiro verão em que estaria em casa para a festa do Justin e era o primeiro verão em que não iria a Cousins. E isso incomodava-me. Sempre achei que passaria todos os verões da minha vida em Cousins. A casa de verão era o único lugar onde eu queria estar. Era o único lugar onde eu alguma vez quis estar.

— Não desististe da festa, pois não? — perguntou-me a Taylor.

— Eu disse-te que ia.

Ela franziu o sobrolho.

— Eu sei, mas... — A voz da Taylor soçobrou. — Esquece.

Eu sabia que a Taylor esperava que as coisas regressassem de novo ao normal, que fossem como eram antes. Mas nunca mais poderiam ser como antes. Eu nunca mais seria como era antes.

Eu acreditava. Costumava pensar que, se desejasse algo com muita força, tudo correria como deveria ser. O destino, como dissera a Susannah. Pedi o Conrad como desejo a cada aniversário, a cada estrela cadente, a cada pestana perdida, cada moeda numa fonte era dedicada àquele que eu amava. Pensei que sempre seria assim.

A Taylor queria que eu esquecesse o Conrad, que simplesmente o apagasse da minha mente e da minha memória. Ela estava sempre a dizer coisas como, «Toda a gente tem de ultrapassar o primeiro amor, é um ritual de iniciação». Mas o Conrad não era o meu primeiro amor. Não era um ritual de iniciação. Era muito mais do que isso. Ele, o Jeremiah e a Susannah eram a minha família. Na minha memória, eles os três estariam sempre interligados, sempre unidos. Não poderia haver um sem os outros. Se esquecesse o Conrad, se o arrancasse do meu coração e fingisse que ele nunca lá tinha estado, seria como fazer o mesmo à Susannah. E isso, eu não podia fazer.



capítulo 2

POR NORMA, ASSIM QUE AS AULAS ACABAVAM, em junho, enfiávamo-nos no carro e partíamos de imediato para Cousins. A minha mãe ia ao Costco na véspera e comprava garrações de sumo de maçã e caixas de tamanho familiar de barras de granola, protetor solar e cereais integrais. Quando eu implorava por *Lucky Charms* ou *Cap'n Crunch*, a minha mãe dizia, «A Beck há de ter tantos cereais que até te vão apodrecer os dentes, não te preocupes». É claro que ela tinha razão. A Susannah — Beck para a minha mãe — adorava cereais para miúdos, tal como eu. Na casa de verão comíamos imensos cereais. Nem sequer se punha a hipótese de ficarem rançosos. Houve um verão em que os rapazes comeram cereais ao pequeno-almoço, almoço e jantar. O meu irmão Steven preferia *Frosted Flakes*, o Jeremiah *Cap'n Crunch* e o Conrad *Corn Pops*. O Jeremiah e o Conrad eram os rapazes da Beck e adoravam os seus cereais. Quanto a mim, comia tudo o que sobrava, com açúcar por cima.

Toda a vida fui para Cousins. Nunca perdemos um verão, nem uma única vez. Quase 17 anos em que brinquei à apanhada com os rapazes, a esperar e a desejar que chegasse o dia em que teria idade para fazer parte do grupo deles. O grupo dos rapazes do verão. Finalmente consegui, e agora era demasiado tarde. Na última noite do verão passado, na piscina, dissemos que iríamos sempre regressar. É assustadora a facilidade com que se quebra uma promessa. Assim, sem mais nem menos.

Quando regressei a casa no verão passado, esperei. Agosto deu lugar a setembro, as aulas começaram, e eu continuei à espera.

Não era que eu e o Conrad tivéssemos feito quaisquer declarações. Não era como se ele fosse meu namorado. Simplesmente, beijámo-nos. Ele ia para a universidade, onde haveria um milhão de outras raparigas. Raparigas sem recolher obrigatório, raparigas no refeitório dele, todas mais inteligentes e giras do que eu, todas misteriosas e desconhecidas de uma forma que eu nunca poderia ser.

Eu pensava constantemente nele — no significado de tudo aquilo, o que significávamos um para o outro. Porque já não podíamos voltar atrás. Eu sabia que *eu* não podia. O que aconteceu entre nós — entre mim e o Conrad, entre mim e o Jeremiah — mudara tudo. E, assim, quando agosto se foi e setembro começou e o telefone não tocou, só tive de pensar no modo como ele me olhara naquela noite para perceber que ainda havia esperança. Sabia que não se tratara da minha imaginação. Não podia ter sido.

Segundo a minha mãe, o Conrad estava bem instalado no seu quarto na residência de estudantes, tinha um colega de quarto de Nova Jérсия, irritante, e a Susannah estava preocupada com a possibilidade de ele não comer o suficiente. A minha mãe contou-me estas coisas descontraidamente, de forma espontânea, para não me ferir o orgulho. Nunca a pressionei para obter mais informações. A verdade é que eu sabia que ele haveria de ligar. Eu *sabia*. Bastava-me esperar.

A chamada surgiu na segunda semana de setembro, três semanas decorridas desde a última vez que o vira. Eu estava a comer gelado de morango na sala de estar e lutava com o Steven por causa do telecomando. Era uma noite de segunda-feira, 21 horas, hora a que víamos os programas de maior audiência na televisão. O telefone tocou e nem eu nem o Steven nos mexemos para ir atender. Quem se levantasse perderia a batalha pela televisão.

A minha mãe atendeu no escritório dela. Trouxe o telefone para a sala de estar e disse:

— É para ti, Belly. É o Conrad. — E piscou o olho.

Fiquei completamente à nora. Ouvia o mar, a torrente, o rugido nos meus tímpanos. Eu esperara, e aquela era a minha recompensa! Ter razão, ser paciente, nunca me soube tão bem.

Foi o Steven que me despertou do meu devaneio. Franzindo o sobrolho, disse:

— Porque é que o Conrad haveria de *te* ligar?

Ignorei-o e arranquei o telefone das mãos da minha mãe. Afastei-me do Steven, do telecomando, da minha taça onde derretia o gelado. Nada daquilo interessava.

Antes de dizer alguma coisa, fiz o Conrad esperar até eu chegar às escadas. Sentei-me nos degraus e disse:

— Olá.

Tentei não sorrir; sabia que ele perceberia pelo telefone.

— Olá — disse ele. — O que se passa?

— Nada de especial.

— Então, adivinha lá — disse ele. — O meu colega de quarto ressona ainda mais alto do que tu.

Voltou a ligar na noite seguinte, e na noite depois dessa. Conversámos ao longo de horas de cada vez. De início, deixou o Steven baralhado quando o telefone tocava e era para mim e não para ele.

— Porque é que o Conrad está sempre a ligar-te? — quisera ele saber.

— O que é que achas? Ele gosta de mim. Gostamos um do outro.

O Steven quase se engasgou.

— Ele perdeu o juízo — disse, abanando a cabeça.

— É impossível que o Conrad Fisher goste de mim? — perguntei-lhe, cruzando os braços, numa postura desafiadora.

Ele nem teve de pensar na resposta.

— É — disse. — É completamente impossível.

E, sinceramente, era.

Era como um sonho. Irreal. Depois de tanto desespero, anseio e desejo, anos e anos, verões inteiros, *ele ligava-me*. Gostava de

conversar comigo. Fazia-o rir quando ele não queria. Compreendia o que ele estava a passar, porque eu também estava, mais ou menos, a passar pelo mesmo. Havia poucas pessoas no mundo que amavam a Susannah tal como nós. Achei que seria o suficiente.

Tornámo-nos algo. Algo que nunca foi exatamente definido, mas era algo.

Umás quantas vezes conduziu três horas e meia desde a escola até à minha casa. Certa vez teve de passar a noite connosco porque era tão tarde que a minha mãe não quis que ele conduzisse de volta à residência de estudantes. O Conrad ficou no quarto de hóspedes e eu fiquei horas acordada na minha cama, a pensar que ele estava a dormir a apenas uns metros de mim, precisamente em minha casa.

Se o Steve não tivesse andado colado a nós como uma espécie de doença, sei que o Conrad pelo menos teria tentado beijar-me. Mas, com o meu irmão por perto, era praticamente impossível. Eu e o Conrad íamos ver televisão e o Steven punha-se logo no meio de nós. Falava ao Conrad sobre coisas que eu desconhecia ou que não me interessavam, como futebol americano. Uma vez, depois do jantar, perguntei ao Conrad se ele queria ir ao Brusters buscar gelado cremoso e o Steve meteu-se logo e disse «Boa ideia.» Lancei-lhe um olhar fulminante, mas ele limitou-se a sorrir-me. E, depois, o Conrad pegou-me na mão, mesmo à frente do Steven, e disse: «Vamos todos.» E lá fomos todos, incluindo a minha mãe. Eu não queria acreditar que tinha encontros com a minha mãe e o meu irmão no banco de trás.

Mas, a sério, isso só tornou aquela noite fantástica de dezembro na mais doce de todas. Eu e o Conrad regressámos a Cousins, só nós os dois. As noites perfeitas são raras, mas aquela foi. Perfeita, quero eu dizer. Foi o tipo de noite pela qual valia a pena esperar.

Ainda bem que tivemos aquela noite.

Porque, em maio, já tudo tinha acabado.



capítulo 3

SAÍ MAIS CEDO DA CASA DA MARCY. Disse à Taylor que era para poder descansar para a festa do Justin dessa noite. Em parte, era verdade. Eu queria descansar, mas não queria saber da festa. Assim que cheguei a casa, vesti a minha t-shirt de Cousins, enchi uma garrafa de água com refrigerante de uva e piquei gelo, e vi televisão até me doer a cabeça.

Estava um silêncio pacífico e ditoso. Apenas os sons do televisor e do ar condicionado a ligar e a desligar. Tinha a casa só para mim. O Steven tinha um emprego de verão na Best Buy. Andava a poupar para um televisor de ecrã plano de 50 polegadas que queria levar para a faculdade no outono. A minha mãe estava em casa, mas passou o dia trancada no escritório dela, a pôr o trabalho em dia, disse-me.

Eu compreendi. Se fosse a ela, também queria estar sozinha.

A Taylor apareceu por volta das seis da tarde, armada com o seu estojo de maquilhagem rosa-choque da *Victoria's Secret*. Entrou na sala de estar e viu-me deitada no sofá com a minha t-shirt de Cousins e franziu o sobrolho.

— Belly, ainda nem sequer tomaste um duche?

— Tomei um duche de manhã — respondi, sem me levantar.

— Pois, e depois disso estiveste todo o dia estendida ao sol. — Agarrou-me pelos braços e deixei que me levantasse até me sentar. — Despacha-te e vai para o chuveiro.

Segui-a escadas acima e ela foi ao meu quarto, enquanto avancei para a casa de banho do corredor. Tomei o duche mais rápido

da minha vida. Deixada a sós, a Taylor era uma grande bisbilhoiteira e iria vasculhar o meu quarto como se fosse o dela.

Quando saí do banho, a Taylor estava sentada no chão do meu quarto em frente ao espelho. Aplicava energicamente bronzeador nas faces.

— Queres que te maquilhe também?

— Não, obrigada — respondi. — Fecha os olhos enquanto me visto, está bem?

Ela revirou os olhos e depois cerrou-os.

— Belly, és tão pudica.

— Não me interessa — reagi, vestindo as calcinhas e o soutien. Depois, voltei a vestir a t-shirt de Cousins. — OK, já podes abrir os olhos.

A Taylor abriu imenso os olhos e aplicou o rímel.

— Podia tratar-te das unhas — ofereceu-se. — Tenho três cores novas.

— Nã... não vale a pena. — Ergui as mãos. Tinha as unhas roídas até ao sabugo.

A Taylor fez um esgar.

— Bem, o que é que vais levar vestido?

— Isto — disse eu, ocultando um sorriso. Apontei para a t-shirt de Cousins. Usara-a tantas vezes que tinha buraquinhos em volta da gola e estava tão macia como um cobertor de bebé. Quem me dera poder usá-la na festa.

— Que engraçadinha — disse ela, arrastando-se de joelhos até ao meu roupeiro. Levantou-se e começou a remexer lá dentro, empurrando cabides para o lado, como se não conhecesse já de cor todas as peças de roupa que eu tinha. Por norma, eu não me importava, mas hoje sentia-me algo irritadiça e tudo me incomodava.

Disse-lhe:

— Não te preocupes comigo. Vou só vestir os meus calções de ganga e um top.

— Belly, as pessoas arranjam-se para as festas do Justin. Nunca foste a nenhuma, por isso não podias saber, mas não podes ir

com os teus calções de ganga velhos. — A Taylor pegou no meu vestido de alças branco. A última vez que o usara fora no verão passado, naquela festa com o Cam. A Susannah dissera-me que o vestido me assentava como uma luva.

Levantei-me e arranquei o vestido das mãos da Taylor para voltar a guardá-lo no meu armário.

— Está manchado — disse eu. — Vou procurar outra coisa.

A Taylor voltou a sentar-se diante do espelho e disse:

— Bem, então veste o vestido preto de florinhas. Deixa as tuas mamas fantásticas.

— É desconfortável; é muito apertado — disse-lhe.

— E se eu pedir muito?

Suspirando, retirei-o do cabide e vesti-o. Às vezes, era mais fácil fazer o que a Taylor queria. Éramos amigas, melhores amigas, desde criancinhas. Já éramos melhores amigas há tanto tempo que se tornara mais um hábito, o tipo de coisa sobre a qual já não se tem mão.

— Vês, olha que sexy. — Aproximou-se e apertou-me o fecho.

— Agora, vamos lá combinar o nosso plano de ataque.

— Que plano de ataque?

— Acho que tu e o Cory Wheeler deviam curtir na festa.

— Taylor...

Ela ergueu a mão.

— Primeiro, ouve-me. O Cory é supersimpático e supergiro. Se ele trabalhasse o corpo e ficasse um pouco mais definido podia ser, tipo, giro como os modelos da Abercrombie.

— Por favor — resfoleguei.

— Bem, ele é, pelo menos, giro como o tipo começado por C. — Ela já não o chamava pelo nome. Agora, referia-se a ele como o «tu-sabes-quem» ou o «tipo começado por C».

— Taylor, para de me pressionar. Não posso esquecer-lo só porque tu queres.

— Mas podes pelo menos tentar? — tentou ela adular-me.

— O Cory pode ser a tua ressaca. Ele não se importa.

— Se voltas a falar do Cory, não vou à festa — disse-lhe, e falava a sério. Na realidade, até esperava que voltasse a mencioná-lo, dando-me uma desculpa para não ir.

Arregalou os olhos.

— OK, OK. Desculpa. Não abro mais a boca.

A seguir, agarrou o estojo de maquilhagem e sentou-se na beira da minha cama, comigo sentada aos seus pés. Pegou num pente e separou o meu cabelo. Entrançou-o rapidamente, com dedos lesto e seguros e, quando terminou, prendeu a trança por cima da coroa da minha cabeça, inclinada para o lado. Nenhuma de nós abriu a boca enquanto ela trabalhou, até que ela disse:

— Adoro o teu cabelo assim. Até parecez nativo americana, como uma princesa Cherokee, ou algo parecido.

Comecei a rir, mas depois parei. A Taylor viu-me pelo espelho e disse:

— Não tem mal rir, sabes, não tem mal que te divirtas.

— Eu sei — respondi, mas não sabia.

Antes de sairmos, passei no escritório da minha mãe. Ela estava sentada à secretária com pastas e pilhas de papéis. A Susannah fez da minha mãe a executora do testamento dela e calculei que houvesse muita papelada envolvida. A minha mãe falava imenso ao telefone com a advogada da Susannah, a tratar meticulosamente de tudo. Queria que tudo corresse na perfeição com os últimos desejos da Beck.

A Susannah deixara, tanto a mim como ao Steve, algum dinheiro para as despesas com a universidade. Também me deixou algumas joias. Uma pulseira de safiras que eu não me imaginava a usar. Um colar de diamantes para o meu casamento — escrevera isso especificamente. Brincos de opala e um anel de opala. Estes eram os meus preferidos.

— Mãe?

Ela ergueu o olhar para mim.

— Sim?

— Jantaste? — Sabia que não o tinha feito. Ainda não saíra do escritório desde que chegara a casa.

— Não tenho fome — disse ela. — Se não houver comida no frigorífico, posso encomendar uma pizza, se quiseres.

— Eu posso fazer-te uma sanduíche — ofereci-me. Nessa semana eu já tinha ido à mercearia. Eu e o Steven íamos à vez. Duvidei que ela tivesse reparado sequer que era o fim de semana do 4 de Julho.

— Não, não é preciso. Eu vou lá abaixo mais logo e preparo alguma coisa.

— Está bem. — Hesitei. — Eu e a Taylor vamos a uma festa. Não venho tarde para casa.

Por um lado, desejei que me dissesse para ficar em casa. Por outro, quis oferecer-me para ficar a fazer-lhe companhia, para ver se queria ver o que passava no canal de filmes clássicos e fazer umas pipocas.

Ela já regressara à sua papelada. Estava a trincar a caneta esfereográfica.

— Parece-me bem — disse ela. — Tem cuidado.

Fechei a porta atrás de mim.

A Taylor aguardava-me na cozinha, enquanto enviava mensagens no telefone.

— Vamos lá a despachar e toca a andar.

— Espera aí, só me falta fazer mais uma coisa. — Fui ao frigorífico e retirei o que era preciso para uma sanduíche de peru. Mostarda, queijo e pão de forma.

— Belly, vai haver comida na festa. Não comas isso agora.

— É para a minha mãe — expliquei.

Preparei a sanduíche, pu-la num prato e cobri-a com película aderente, e depois deixei-a no balcão de forma a ficar visível para ela.

A festa do Justin era tal e qual como a Taylor dissera que seria. Metade da nossa turma estava lá e nem sinais dos pais do Justin.

Havia tochas *tiki* a delimitar o pátio e as colunas de som estavam praticamente a vibrar, de tão alto que tocava a música. As raparigas já dançavam.

Havia um grande barril e um grande frigorífico vermelho. O Justin tratava do grelhador, virando bifés e salsichas. Usava um avental onde se lia «Beije o *Chef*».

— Como se alguém quisesse curtir com ele. — A Taylor fungou. A Taylor andou a fazer-se ao Justin no início do ano, antes de assentar com o seu namorado, o Davis. Ela e o Justin saíram umas quantas vezes, até que ele a trocou por uma rapariga mais velha.

Esqueci-me de pôr repelente e os mosquitos estavam a fazer de mim o seu jantar. Passei o tempo a dobrar-me para coçar as pernas, e ainda bem que assim foi. Fiquei contente por ter algo para fazer. Temia estabelecer, sem querer, contacto ocular com o Cory. Ele andava a passear junto à piscina.

O pessoal bebia cerveja em copos de plástico vermelhos. A Taylor arranjou cocktails com vinho e frutos para nós as duas. O meu era com *Schnapps* de pêssego e sumo de laranja. Era xaroposo e sabia a químicos. Bebi dois tragos antes de o deitar fora.

Depois, a Taylor deu com o Davis junto à mesa de *beer pong*¹. Colocou um dedo sobre os lábios e agarrou-me na mão. Aproximámo-nos dele por trás e a Taylor abraçou-o.

— Apanhado! — disse ela.

Ele voltou-se para trás e beijaram-se como se não se tivessem visto poucas horas antes. Fiquei ali parada um minuto, acanhadamente agarrada à minha bolsa, a olhar para todos os lados menos para eles. Ele na verdade chamava-se Ben Davis, mas toda a gente lhe chamava Davis. O Davis era bastante giro; tinha covinhas e uns olhos verdes como vidro gasto pelo mar. E era baixo, o que de início foi encarado pela Taylor como algo limitativo, mas que

¹ Jogo de mesa jogado com uma bola de pingue-pongue cujo objetivo passa por enfiar a bola num copo com cerveja ou outra bebida colocado na ponta da mesa. [*N. do T.*]

agora já não tinha tanta importância. Eu detestava ir à boleia com eles para a escola, porque iam todo o caminho de mãos dadas enquanto eu me sentava atrás como uma criança. Acabavam pelo menos uma vez por mês e ainda só namoravam desde abril. Durante uma das pausas, ele ligou-lhe, a chorar, a tentar que reatasse, e a Taylor pusera-o em alta voz. Senti-me culpada por estar a escutar, mas ao mesmo tempo senti inveja e algum respeito por ele se preocupar tanto, o suficiente para chorar.

— O Pete foi dar uma mija — disse o Davis, prendendo a Taylor com o braço pela cintura. — Ficas a jogar comigo até ele voltar?

Ela olhou para mim e abanou a cabeça. Libertou-se do aperto dele.

— Não posso deixar a Belly.

Lancei-lhe um olhar fulminante.

— Taylor, não preciso de babysitter. Devias jogar.

— Tens a certeza?

— É claro que tenho.

Afastei-me antes que ela pudesse contestar. Cumprimentei a Marcy, o Frank, com quem costumava ir de autocarro para a preparatória, a Alice, que era a minha melhor amiga no jardim infantil, o Simon, com quem estive no livro de curso. Conheci a maior parte deste pessoal toda a minha vida e, contudo, nunca senti tantas saudades de Cousins.

Pelo canto do olho, vi a Taylor a conversar com o Cory e pus-me a andar antes que ela pudesse chamar-me. Peguei num refrigerante e encaminhei-me para o trampolim. Ainda lá não estava ninguém, pelo que me livre das minhas sandálias e trepei. Deitei-me precisamente ao meio, com cuidado para manter a saia bem junto ao corpo. Já se viam as estrelas, pequenos diamantes a cintilar no céu. Bebi a minha *Coca-Cola*, arrotei umas quantas vezes e olhei em volta para ver se alguém me ouvira. Mas não, estava toda a gente lá ao fundo junto à casa. A seguir, tentei contar as estrelas, o que era quase tão idiota como tentar contar grãos

de areia, mas nem por isso deixei de o fazer, porque servia para me entreter. Pensei quando é que seria possível escapulir-me e regressar a casa. Tínhamos vindo no meu carro e a Taylor poderia apanhar boleia para casa com o Davis. Depois, pensei se pareceria estranho eu embrulhar uns quantos cachorros-quentes para levar e comer mais tarde.

Há pelo menos duas horas que não pensava na Susannah. Talvez a Taylor tivesse razão, talvez fosse aqui o meu lugar. Se continuasse a ansiar por Cousins, sempre a olhar para trás, estaria condenada para sempre.

Enquanto pensava nisto, o Cory Wheeler trepou para o trampolim e abriu caminho até ao centro, onde eu me encontrava. Estendeu-se ao meu lado e disse:

— Olá, Conklin.

Desde quando é que eu o Cory nos tratávamos pelo último nome? Desde nunca.

E então, eu reagi e disse:

— Olá, Wheeler.

Tentei não olhar para ele. Tentei concentrar-me na contagem de estrelas e não na proximidade dele.

O Cory levantou-se e, apoiado num cotovelo, perguntou:

— Estás a divertir-te?

— Claro. — Comecei a sentir dores de barriga. Fugir do Cory estava a causar-me uma úlcera.

— Já viste hoje alguma estrela cadente?

— Ainda não.

O Cory cheirava a água-de-colónia, cerveja e suor e, estranhamente, não era uma má combinação. Os grilos faziam imenso ruído e a festa parecia bastante distante.

— E então, Conklin?

— Sim?

— Ainda andas com aquele tipo que trouxeste ao baile de finalistas? Aquele da monocelha?

Sorri. Não deu para evitar.

— O Conrad não tem uma monocelha. E não. Nós, mmm... acabámos.

— Fixe — disse ele, e a palavra ficou a pairar no ar.

Era um daqueles momentos tipo encruzilhada no meio da estrada. A noite podia correr de duas maneiras. Se me inclinasse levemente para a esquerda, poderia beijá-lo. Podia fechar os olhos e deixar-me perder no Cory Wheeler. E poderia seguir a via do esquecimento. Fingir.

Mas, apesar de o Cory ser giro, e simpático, não era o Conrad. Nem de perto. O Cory era simples, era como um daqueles cortes de cabelo rapado de lado e com um pouco em cima, todo linhas claras e a apontar para a mesma direção. O Conrad, não. O Conrad, só com um olhar, um sorriso, era capaz de me revirar as entranhas.

O Cory estendeu a mão e, na brincadeira, deu-me uma pancadinha no braço.

— E então, Conklin... talvez nós...

Sentei-me. Disse a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Bolas, tenho de ir fazer chichi. Até logo, Cory!

Precipitei-me o mais depressa que consegui para fora do trampolim, procurei as minhas sandálias e regressei à casa. Vi a Taylor junto à piscina e cortei a direito na direção dela.

— Preciso de falar contigo — disse-lhe, baixinho. Agarrei-lhe a mão e puxei-a até à mesa dos snacks. — Aí há uns cinco segundos o Cory Wheeler quase me pediu para andarmos.

— E? O que é que disseste? — Os olhos da Taylor brilhavam e odiei o ar presunçoso dela, como se tudo corresse conforme o planeado.

— Disse que tinha de ir fazer chichi — respondi-lhe.

— Belly! Leva-me esse traseiro de novo para o trampolim e curte com ele!

— Taylor, podes parar com isso? Já te disse que não estava interessada no Cory. Já te tinha visto a falar com ele. Obrigaste-o a convidar-me para sair?

Ela fez um leve encolher de ombros.

— Bem... ele tem andado o ano todo atrás de ti e não para de te convidar para sair. Posso ter-lhe dado um empurrãozinho na direção certa. Vocês os dois juntos no trampolim estavam tão giros.

Abanei a cabeça.

— Gostava mesmo que não tivesses feito isso.

— Estava só a tentar fazer com que limpasses a cabeça!

— Bem. Não preciso que o faças — frisei.

— Precisas, pois.

Ficámos um minuto a olhar fixamente uma para a outra. Há dias, dias como este, em que me apetecia esganá-la. Ela era sempre tão mandona. Eu estava a ficar farta de a Taylor me empurrar numa e noutra direção, de me vestir como uma das bonecas mais miseráveis e infelizes dela. Connosco, sempre fora assim.

Contudo, a verdade é que finalmente tinha uma desculpa para me ir embora, e senti-me aliviada. Disse:

— Acho que vou para casa.

— O que é que estás para aí a dizer? Ainda agora chegámos.

— Não estou com grande disposição para aqui estar, OK?

Acho que também ela se estava a fartar de mim, porque disse:

— Isto já começa a ser demais, Belly. Andas há meses a arrastarte. Não é saudável... A minha mãe acha que devias ir a um especialista.

— O quê? Andas a falar de mim com a tua mãe? — Lancei-lhe um olhar fulminante. — Diz à tua mãe que poupe os conselhos psiquiátricos para a *Ellen*.

A Taylor ficou de boca aberta.

— Não acredito que acabaste de me dizer isso.

A gata delas, a *Ellen*, sofria de depressão sazonal, segundo a mãe da Taylor. Passaram o inverno a dar-lhe antidepressivos e, vendo que continuava em baixo na primavera, enviaram a *Ellen* a um encantador de gatos. Não deu em nada. Na minha opinião, a *Ellen* era simplesmente mazinha.

Inspirei fundo.

— Ouvi-te a choramingar pela *Ellen* durante meses e depois a Susannah morre e tu queres que eu curta com o Cory e jogue *beer pong* e a esqueça? Bem, desculpa lá, mas não dá.

A Taylor olhou rapidamente em volta antes de se inclinar para mais perto e dizer:

— Não faças de conta que a Susannah é a única coisa que te deixa triste. Também estás triste por causa do Conrad, e sabes muito bem disso.

Nem queria acreditar que ela me tinha dito aquilo. Bateu forte. Bateu forte porque era verdade. Mas, ainda assim, foi um golpe baixo. O meu pai costumava dizer que a Taylor era indómita. E era. Mas para o melhor e para o pior, a Taylor Jewel fazia parte de mim, e eu fazia parte dela.

De uma forma não totalmente maldosa, ripostei:

— Nem todos podem ser como tu, Taylor.

— Podes tentar — sugeriu, sorrindo ao de leve. — Ouve, desculpa por aquilo do Cory. Só quero que sejas feliz.

— Eu sei.

Pôs o braço à minha volta e eu deixei.

— Vai ser um verão espetacular, vais ver.

— Espetacular — repeti. Eu não ansiava pelo espetacular. Só queria sobreviver. Seguir em frente. Se sobrevivesse a este verão, o seguinte seria mais fácil. Tinha de ser.

Assim sendo, fiquei mais um pouco. Sentei-me no alpendre com o Davis e a Taylor e vi o Cory a fazer-se a uma rapariga do 2.º ano. Comi um cachorro-quente. E depois fui para casa.

Em casa, a sanduíche permanecia na bancada, ainda envolvida no plástico. Guardei-a no frigorífico e subi ao primeiro andar. A luz do quarto da minha mãe estava acesa, mas não fui lá para dizer boa-noite. Dirigi-me diretamente ao meu quarto, voltei a enfiar-me na minha t-shirt grande de Cousins, desfiz a trança, escovei os dentes e lavei a cara. Depois, enfiar-me debaixo dos lençóis e deixei-me ficar deitada, simplesmente a pensar.

Pensei: *Então, agora a vida é assim*. Sem a Susannah, e também sem os rapazes.

Já lá iam dois meses. Eu sobrevivera a junho. Pensei para comigo, *Eu consigo*. Posso ir ao cinema com a Taylor e o Davis, posso nadar na piscina, talvez até possa sair com o Cory Wheeler. Se fizesse essas coisas, ficaria tudo bem. Talvez tudo fosse mais fácil se eu conseguisse esquecer-me como tudo costumava ser tão espetacular.

Mas quando adormeci nessa noite, sonhei com a Susannah e com a casa de verão e até no meu sono sabia como costumava ser tão espetacular. Como tudo batia certo. E, independentemente do que se faça e do quanto uma pessoa se esforce, não há como travar os sonhos.



capítulo 4

JEREMIAH

VER O NOSSO PAI A CHORAR PERTURBA-NOS mesmo a cabeça. Talvez não a algumas pessoas. Talvez algumas pessoas tenham pais que lidem bem com o choro e com as suas emoções. O meu pai, não. Não é um choramingas e, definitivamente, nunca nos encorajou a chorar. Mas no hospital, e depois na casa mortuária, chorou como uma criancinha perdida.

A minha mãe morreu de manhã cedo. Aconteceu tudo muito depressa, levei um minuto a atingir e a perceber que estava mesmo a acontecer. Não nos bate logo à primeira. Contudo, mais tarde nessa noite, a primeira noite sem ela, estávamos apenas eu e o Conrad em casa. A primeira vez em dias em que estávamos sozinhos.

A casa encontrava-se mergulhada no silêncio. O nosso pai estava na casa mortuária com a Laurel. Os parentes estavam num hotel. Era só eu e o Con. Ao longo de todo o dia houve gente a entrar e a sair de casa, e agora éramos só nós.

Estávamos sentados à mesa da cozinha. As pessoas tinham enviado todo o tipo de coisas. Cestos de fruta, travessas com sanduíches, um bolo de café. Uma grande lata de bolachas de manteiga da *Costco*.

Arranquei um pedaço do bolo de café e enfiei-o na boca. Estava seco. Arranquei outro pedaço e também o comi.

— Queres um bocado? — perguntei ao Conrad.

— Nã... — respondeu. Ele estava a beber leite. Lembrei-me que podia estar fora do prazo. Já não me lembrava da última vez que alguém fora às compras.

— O que é que se vai passar amanhã? — perguntei. — Vêm todos para aqui?

O Conrad encolheu os ombros.

— Provavelmente — respondeu. Tinha um bigode de leite.

Foi tudo o que dissemos um ao outro. Ele subiu para o quarto e eu limpei a cozinha. E depois eu senti-me cansado e também subi. Pensei em ir ao quarto do Conrad, porque, apesar de não abirmos a boca, era melhor quando estávamos juntos, menos solitário. Fiquei um segundo parado no corredor, prestes a bater à porta, e depois ouvi-o chorar. Soluços sufocados. Não entrei. Deixei-o em paz. Sei que era assim que ele preferiria. Dirigi-me ao meu quarto e enfiei-me na cama. Também chorei.

**«SEMPRE ACHEI QUE PASSARIA
ALI TODOS OS VERÕES DA
MINHA VIDA. A CASA DE VERÃO
ERA O ÚNICO LUGAR ONDE EU QUERIA
ESTAR, O ÚNICO LUGAR ONDE
EU ALGUMA VEZ QUIS ESTAR.»**



Todos os anos, Belly costuma contar os dias que faltam para o verão, e só pensa em regressar à casa de praia para estar novamente com Conrad e Jeremiah. Contudo, a amizade que sempre uniu os três jovens parece estar a desmoronar-se e tudo parece diferente.

Até ao dia em que Jeremiah conta a Belly que Conrad desapareceu, e lhe pede ajuda para o encontrar. Belly fará de tudo para descobrir onde está o amigo. Mas isso só será possível se regressarem à casa de praia.

Voltará tudo a ser como dantes ou estará esta amizade num ponto sem retorno?

**Uma história intensa sobre o amor e a forma
como ele nos ajuda a trilhar o nosso caminho.**

LÊ TAMBÉM:



TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8869-92-0 9 789898 869920 Ficção Romântica
---	---

